

Reportagens seriais em podcasts: um estudo sobre “Praia dos ossos” e “À mão armada”¹

Rogério Martins de Souza²

Centro Universitário de Volta Redonda, RJ

RESUMO

Surgido em 2004, na esteira da web 2.0 e a popularidade da internet como plataforma colaborativa, os podcasts foram em seu começo muito mais um reflexo das possibilidades da banda larga do que um suporte realmente popular, fato que só aconteceu na segunda década deste século. De 2015 em diante, estes arquivos em áudio que podiam ser produzidos por qualquer um e ouvidos a qualquer hora não só chegaram ao grande público como também chamaram a atenção da mídia *mainstream*. Havia em vários deles uma liberdade de produção e estética há muito afastada de canais tradicionais como o rádio, a mídia mais próxima ao formato. Este artigo busca analisar dois podcasts jornalísticos recentes produzidos em formato serializado no Brasil e que mostram como a reportagem investigativa pode se apropriar do suporte: “Praia dos ossos”, da Rádio Novelo, e “À mão armada”, do Globoplay.

Palavras-chave: Podcast; Jornalismo; Serialidade; Reportagem; Convergência

INTRODUÇÃO

No dia 15 de julho de 2021, uma reportagem do jornal O Globo dizia respeito a um dado alarmante para um país que já produzira no começo deste século um Estatuto do Desarmamento e vira centenas de pessoas livrando-se de armas em eventos públicos. Sob o título “Brasil dobra o número de armas nas mãos de civis em apenas três anos”, a reportagem assinada por Cintia Acayaba e Thiago Reis descrevia as consequências de decretos publicados pelo presidente Jair Bolsonaro e a flexibilização do limite para a compra de armas por pessoas civis, acarretando no aumento de 637 mil armas registradas na Polícia Federal, em 2017, para 1,2 milhão em 2021. A reportagem apontava alguns fatores para tais números, como o aumento de registros de pessoas como CACs –

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, dentro do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal Do Rio de Janeiro, Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA), no Rio de Janeiro. Possui pesquisas direcionadas ao jornalismo, sua história, as teorias do campo e seu papel na contemporaneidade. Email: rogerms@uol.com.br.

caçadores, atiradores desportivos e colecionadores – em mais de 40% nos últimos anos. Porém, não se aprofundava no tema. Quem quisesse enveredar por uma reportagem muito mais ampla sobre a cultura das armas no Brasil, com todos os seus antecedentes e interpretações, poderia, na mesma época, acessar o podcast “À mão armada”, apresentado por Sonia Bridi e disponibilizado pelo G1, entre outros suportes.

“À mão armada” é um podcast jornalístico em formato serial composto de cinco episódios. Em 2021, o formato podcast completa 17 anos de existência. Se em 2004, data do seu surgimento, eram ainda raras as experiências e consumidores desta mídia, em 2021 o formato está entre os que mais crescem e se popularizam. Uma evolução mais rápida e diferente do que aquela pela qual passou o rádio, que opera via concessão pública e cuja popularidade entre a população só viria após a liberação da publicidade comercial na mídia, ainda nos anos 1930 do século XX. Um dos motivos dessa popularização atual é que os podcasts podem ser considerados “rádios sob demanda”, pois o ouvinte agora pode escutar seus programas preferidos à hora que quiser, e não mais seguindo uma grade de programação rígida.

Se o rádio transformou a linguagem jornalística adaptando-a para a hegemonia do som para as grandes massas, é curioso notar que os *podcasts* de caráter jornalístico recentes buscam se apropriar das características desta linguagem com muito mais liberdade, pois assimilam a convergência da linguagem radiofônica com a hipermidiática, própria da internet, ambiente no qual eles são distribuídos. Desta forma, o avanço dos veículos jornalísticos vai sendo reconfigurado em um novo suporte.

Este artigo busca realizar uma análise comparada entre dois *podcasts* recentes no estilo serializado, non qual uma história é comentada numa narrativa em episódios. São eles “Praia dos Ossos” (2020), da Rádio Novelo, emissora ligada à revista Piauí; e também o aqui citado e mais recente (2021) “À mão armada”, primeiro podcast produzido pela plataforma de *streaming* Globoplay, do Grupo Globo. O primeiro programa parte de um assassinato no final de 1977 da modelo e celebridade Ângela Diniz por seu namorado à época, o empresário Doca Street, para refletir sobre a violência contra as mulheres, as leis e a cultura machista no país. O segundo procura descrever como as sucessivas liberações e flexibilizações do porte de armas fizeram aumentar a crescente cultura armamentista no Brasil, especialmente durante o governo Bolsonaro. A metodologia buscará descrever, comparar e analisar as duas reportagens seriadas, bem como as

contribuições que estas duas produções trazem ao jornalismo investigativo brasileiro na atualidade.

PODCASTS, CONVERGÊNCIA E RÁDIO EXPANDIDO

O surgimento da Internet transformou conceitos antes consolidados na evolução das rádios, como a necessidade de concessões públicas e o consumo massivo, ao passo que nos trouxe o investimento em elementos visuais, interação em tempo real e, é claro, a ausência do aparelho (PRATA, 2013, p.3). Ainda no final do século XX, houve o surgimento das *web radios*, definidas como emissoras radiofônicas que podem ser acessadas por meio de um endereço na internet (URL), não mais por uma frequência sintonizada no dial de um aparelho receptor de ondas hertziana (Idem, p. 2).

Se analisarmos a evolução da linguagem digital, veremos que o primeiro momento da internet comercial – chamada *web 1.0* – caracteriza-se por sites mais estáticos, pouca interatividade e a passagem de conteúdos analógicos para o meio digital. Um primeiro momento que foi chamado de transposição (PALACIOS, 2009), por ser apenas um “copiar e colar” da programação analógica na digital. Isto relaciona-se com o que diz Bufarah (2003), segundo o qual a rádio online servia à princípio apenas como um retransmissor da rádio tradicional, passando sua programação ao vivo. Com o tempo, foram buscados novos canais e experimentos dentro dos sites das rádios, visando uma programação mais diversificada e hipermidiática, que atendia a vários gêneros musicais, programas e notícias.

O surgimento dos podcasts em 2004 está vinculado à emergência da *web 2.0*, conceito que abrange o desenvolvimento de relações mais horizontais entre os diversos atores sociais conectados à rede mundial de computadores (ANTOUN e PECINI, 2007). O termo vem do neologismo que une as palavras “Pod” (do iPod da Apple, tocador portátil mais famoso da época) e *cast* (termo inglês para transmissão).

Assim como o rádio tem como característica básica a linguagem mais simples e próxima ao “amigo ouvinte”, a internet aproxima pessoas que compartilham interesses, ideias e paixões e abre um importante canal de conversa tanto entre essas pessoas quanto entre estas e as empresas. A tecnologia propiciou às últimas aproveitar essa via e estimular a colaboração de seus consumidores para aprimorar seus produtos e serviços. Desta forma, tanto rádio como podcasts podem buscar a massa como nichos específicos de público. Em relação ao rádio, quanto mais ele promove a participação do público, mais

este colabora com seu conteúdo e mais adequado ele fica à sua audiência. Se antes era necessário fazer pesquisas de opinião pública “à distância”, hoje ela está aí, online, à disposição de quem quiser acessá-la (POTASCHEFF, 2010). Isso atrai empresas fora do ramo da comunicação, que reproduzem esta lógica. Marcas criam em seus sites canais de áudio, com programação similar às rádios convencionais, mas que englobam notícias sobre a empresa, promoção de seus produtos e programação musical alinhada à imagem da marca. Esses canais podem funcionar como uma rádio convencional, com o conteúdo sendo transmitido via *streaming*, através do qual o internauta acessa a rádio on-line e escuta seu conteúdo à medida que ele é transmitido, ou no sistema de podcast, com o conteúdo sendo disponibilizado para *download* e atrelado a um feed RSS (Idem, 2010).

Ainda sobre a convergência do rádio analógico com o meio digital, não se pode deixar de mencionar o conceito de “rádio expandido”, segundo o qual o rádio estaria hoje vivendo uma nova transformação, na qual o suporte torna-se mais abrangente. Pode ser ouvido pelo dial ou pela internet, ao vivo (*streaming*) ou sob demanda (*podcasting*) em vários suportes: celular, computadores, notebooks e TV por assinatura (MUSTAFÁ, 2017). Ou seja, no rádio expandido não há mais a conexão única emissora-aparelho-de-rádio-ouvinte, mas o interesse em produzir um serviço público mais complexo, com mais canais que possam escoar sua programação; como o meio digital e em redes sociais como Twitter, Facebook e Instagram. Desta forma, o rádio expandido vai atrás de uma “multiplicidade de ofertas”, típica da convergência digital. Para Kischinhevsky, os movimentos são aparentemente contraditórios, mas fazem parte de um claro processo de reordenação empresarial e de transição rumo a suportes digitais” (KISCHINHEVSKY, apud MUSTAFÁ, 2017, p. 43).

Mas, se no cenário da convergência tecnológica, o rádio se expande em uma miríade de novas estradas e canais midiáticos, como fica o jornalismo adaptado para o suporte? Irá ele além das experiências analógicas e também se expandirá? Ou apenas manterá sua função básica de informar acima das experimentações? Como o formato do *podcast* (um meio bem recente, como vimos) trabalha a atenção de um público agora cada vez mais fragmentado? É o que o próximo tópico tentará responder.

O JORNALISMO NOS PODCASTS – DAS EXPERIÊNCIAS INDEPENDENTES AO MAINSTREAM

Assim como o jornalismo radiofônico teve que se reinventar diversas vezes ao longo de sua história, o fazer jornalístico nos *podcasts* também sofreu mudanças desde 2004. Inicialmente, nota-se que os *podcasts* da primeira década deste século privilegiavam as músicas em seus áudios, como se seus produtores estivessem interessados em disponibilizar conteúdos separados da rigidez das rádios tradicionais. Mas, rapidamente, os programas/episódios passaram a se sofisticar, mesclando locuções, efeitos sonoros, trilhas. Nesta primeira década, seu público era ainda restrito e sofisticado: fãs de tecnologia ouviam podcasts de tecnologia, fãs de cinema ouviam programas de cinema e assim por diante. O formato de podcasts em mesa-redonda³ simulando uma conversa informal tornou-se particularmente popular: pessoas comuns, às vezes com especialistas convidados, debatendo por um longo tempo um assunto específico (ORENSTEIN, 2018).

Com isso, vêm ganhando força outras formas de expressão que transcendem a gramática das emissoras comerciais, como a veiculação de análises, palestras, debates. Enfim, há agora múltiplos usos para o formato e, com isto, novas possibilidades para investimentos e negócios ali.

Perdem força as mediações tradicionais realizadas pela indústria da música e do entretenimento, organizada em torno de paradas de sucessos, grandes vendas de discos e veiculação de conteúdos de forma sincrônica; ganham terreno a pluralidade nas representações artísticas, as redes transnacionais de identidades culturais, a interação social mediada, as transmissões radiofônicas assíncronas e as novas formas de audição (HERSHMANN, KISCHINHEVSKI, 2009).

O formato serializado que hoje faz sucesso em podcasts descende do rádio documentário, algo que surgiu no começo do século XX e que evoluiu em sua linguagem junto com a tecnologia. Por exemplo, nas primeiras experiências quase não se admitiam gravações externas.

Levou ainda algum tempo, porém, até os radiodocumentários conseguirem incorporar extensamente o uso de gravações externas. Os equipamentos primitivos eram muito desajeitados. Durante a Segunda Guerra, foi desenvolvida na Alemanha a tecnologia do gravador com fita magnética, mas seus impactos demorariam um pouco a se materializar. Nesse momento de transição, sinalizando o que estava por vir, foi realizado o projeto “One World Flight”, de 1947. Para uma série em 13 partes, o americano Norman Corwin viajou por vários países no mundo todo, por meses, capturando mais de 100 horas de áudio de depoimentos de vidas tocadas pela guerra, com novos gravadores de fita magnética e

³ Também chamado por alguns como “podcast de mesa”.

fição aperfeiçoada. Em sua jornada, ele falou com autoridades e sobreviventes “comuns”, incluindo, por exemplo, o Papa em Roma e pequenos fazendeiros na Nova Zelândia (MADSEN, apud BARBOSA, p. 130, 2015).

Conforme as possibilidades do gravador portátil se tornavam mais visíveis, uma nova geração ligada ao radiodocumentário emergia. Laurence Gilliam, diretor da BBC Features Department antes e depois guerra, foi um dos grandes responsáveis por desenvolver os alicerces da cultura desse gênero que então expandia. O advento da Segunda Guerra Mundial trouxe um uso mais urgente das capacidades documentais do rádio com escuta paciente e a observação local trocada por um novo estilo híbrido de drama e documentário visando persuasão (BARBOSA, 2015). A partir de então foram vários períodos de experimentação em que obstinados buscaram produzir narrativas não-ficcionais em vários países, utilizando-se das inovações sonoras de cada época, até chegar à internet comercial no final do século XX. Portanto, pode-se dizer que o formato radiodocumentário nunca esteve ausente e irá influenciar sobremaneira os podcasts narrativos.

Após um período de baixa popularidade entre 2008 e 2014, quando se achou que os *podcasts* não vingariam junto ao grande público, o avanço da tecnologia e da velocidade de conexão proporcionou um terreno fértil para a transmissão de arquivos mais pesados, de maneira mais rápida e por custos menores. Isso animou produtores a investir de novo no negócio. Com a popularização dos serviços de *streaming* a partir da segunda década deste século, foram surgindo novos suportes e conseqüentemente novos públicos para os podcasts, uma conquista gerada por meio de investimentos de emissoras de rádio tradicionais, que passaram a reproduzir seus conteúdos na internet ou então produzir exclusivamente para o formato⁴ (NAVARRO, 2018).

A grande virada para que os podcasts deixassem o espaço de “nicho” e segmentação foi em 2014, com a estreia nos Estados Unidos de “Serial”, um *podcast* no formato de investigação jornalística sobre um homicídio ocorrido em 1999, contada ao longo de 12 episódios, cada um com duração de 30 minutos a uma hora. Nele, a repórter e também roteirista Sarah Koenig narra - em primeira pessoa, algo então não muito comum em reportagens aprofundadas - suas descobertas, entrevistava envolvidos no caso,

⁴ A rádio CBN e outras possuem sites onde são disponibilizados conteúdos de áudio sobre os mais diversos assuntos. A CBN, por exemplo, sempre informa os ouvintes que eles podem acessar os podcasts da emissora para ouvir sob demanda os colonistas.

ia a campo averiguar hipóteses e não deixava de expor suas próprias dúvidas enquanto investigava. A primeira temporada de “Serial” registrou mais de 175 milhões de *downloads* e recebeu vários prêmios, levando pela primeira vez um público massivo aos podcasts.

Os podcasts, portanto, permitiram uma inovação no ato de consumir áudios pela sociedade. Buscando alternativas tanto à programação “engessada” das rádios tradicionais quanto à grade jornalística que impunha horários fixos, indivíduos começaram a consumir produtos neste formato, o que possibilitou que ocorresse também uma democratização dos processos de produção de conteúdo, uma vez que, com a tecnologia digital, vários programas de gravação e edição de áudio foram criados e disponibilizados de forma gratuita, na *web*. Assim, muitos usuários (jornalistas e amadores) passam a produzir seus próprios conteúdos e liberar estes em diversas plataformas digitais (JUNIOR, 2017).

Faltava apenas convencer a chamada “grande mídia” ou mesmo as grandes empresas ligadas ao entretenimento. Não mais. A partir de 2017 e 2018, houve enfim a explosão do formato em suas diversas configurações e estilos. Plataformas como o Spotify e o Deezer passaram neste período a disponibilizar conteúdos de áudio. Sites de jornalismo fora da grande mídia investiram nos últimos anos no formato, como os podcasts do Jornal Nexo, ao passo que aqueles da imprensa tradicional, como a “Folha de S.Paulo” e “O Globo”, também aumentaram seus investimentos no formato. Com isso, grandes empresas buscam agora no formato dos *podcasts* uma nova vitrine para expandirem suas marcas. O podcast também se demonstrou um formato com grande capacidade de fidelizar sua audiência, daí o interesse mercadológico.

Nos podcasts jornalísticos, a segmentação é a principal marca, uma vez que o ouvinte pode escolher qual tipo de informação vai “baixar” para o seu aparelho: política nacional, política internacional, macroeconomia, agronegócios, basquete, vôlei, futebol, cinema, teatro, música clássica, dança, violência urbana ou o que mais estiver ao alcance dos responsáveis pela produção de conteúdo. Se essa ampla variedade e a portabilidade de poder ouvir conteúdos sob demanda em qualquer local e a qualquer hora fazem o podcast um grande atrativo, ele ainda perde para o rádio tradicional em não contar com a programação ao vivo. Daí o investimento e o direcionamento em análises e comentários, pois muitas vezes o ouvinte do podcast, ao escolher o programa que ouvirá, já conhece de antemão o fato, mas quer ouvir a opinião do comentarista em seu podcast preferido.

Com todas as facilidades tecnológicas, seja um podcast independente, seja outro ligado à mídia *mainstream*, ainda há dificuldades para aqueles que pensam em produzir um *podcast* e conseguir uma boa audiência agora muito mais fragmentada que antes. Segundo Alexandre Ottoni (2019), há cinco pontos que todo candidato a produzir um podcast não pode se esquecer (2018): definir um formato diferenciado, descrever a frequência de publicação, apresentar uma boa variedade de pautas, ouvir seu público e ter persistência. São estes os desafios que muitos podcasts jornalísticos apresentam hoje, como os dois programas que serão aqui analisados: “Praia dos ossos” e “À mão armada”

ANÁLISE COMPARADA DE “PRAIA DOS OSSOS” E “À MÃO ARMADA”

Um assassinato a revelar a sociedade brasileira: “Praia dos Ossos”

Os podcasts aqui analisados têm em comum o fato de enveredarem por reportagens investigativas e aprofundadas no formato serializado. Ambos convergem no sentido de terem uma produção bastante eficiente por trás – “Praia dos Ossos” foi produzida pela Rádio Novelo, pertencente ao grupo que comanda a revista Piauí, uma das principais revistas jornalísticas do país; enquanto “À mão armada” foi anunciado como “o primeiro podcast do Globoplay”, embora seja mais um de inúmeros podcasts do grupo Globo, que já havia produzido para o G1 vários outros produtos similares, dentro da estratégia transmidiática da emissora.

Se anteriormente citou-se aqui o podcast norte-americano “Serial” como exemplo de narrativa seriada jornalística, no Brasil as experiências começaram a ser notadas de forma esparsa, muitas delas advindas de *podcasts* independentes da chamada grande mídia. É o caso de “O caso Evandro”, narrativa em seis partes e 36 capítulos produzidos pelo Projeto Humanos, do coletivo Anticast, sobre o assassinato cercado de mistérios de um garoto de 6 anos em 1992,. Ali já se viam as características do que a produção denominou *podcast storytelling*: “este formato dedica-se a linhas narrativas mais imersivas, nas quais os ouvintes possam ter uma relação mais visceral com a história que lhes é contada”⁵. Em 2021 “O caso Evandro” acabou comprado para uma adaptação audiovisual pelo Globoplay

⁵ Página inicial online do Projeto Humanos, em que explica os podcasts. A produção não fica apenas na experiência sonora – há um site do projeto, com fotos sobre os personagens reais de cada episódio, algo que também é utilizado em “Praia dos Ossos”.

O podcast “Praia dos Ossos” começou a ser produzido em janeiro de 2019 e estreou nas principais redes de *streaming* em outubro de 2020. A produção, idealizada e apresentada por Branca Viana, foi da Rádio Novelo, especializada em podcasts e com o apoio da Revista Piauí. A produção contou com quatro roteiristas e não se resume apenas ao programa, mas também apresentou um site próprio com fotos da época, textos, *making-of*, resumo dos episódios e créditos da produção, expandindo o conteúdo do que é dito no programa e constituindo desta forma uma experiência transmídia. Há uma preocupação evidente com a produção, pesquisa em jornais, livros e demais arquivos da época, a sonoplastia e a trilha sonora própria. Antes mesmo do lançamento, já havia trailers sobre o podcast em versões para os canais de *streaming* sonoro e o YouTube.

O fato de se constituir uma experiência com recursos transmidiáticos expande o legado de rádio documentário presente em “Praia dos ossos”. “Serial” é com certeza uma influência, por focar no estilo “*true crime*”, em que narrativas sobre crimes reais são acompanhadas de um processo amplo de investigação jornalística. “Praia” contou com 80 horas de gravação e mais de 50 entrevistados. Sua narrativa utiliza recursos do *storytelling* para contar a história de Ângela Diniz desde a infância em Minas até o encontro com seu futuro assassino. Mas não fica só aí. Combina a essência do radiodocumentário com uma experimentação narrativa típica dos tempos de *streaming*. A proposta é ir além de uma mera narrativa sobre o assassinato de uma celebridade da época e suas consequências.

São oito episódios, cada um com cerca de uma hora de duração. Além do crime em si, aborda o comportamento da época, a tradicional família mineira, o julgamento, o patriarcado, o feminismo e a diferença de classes. Enfim, levanta discussões que ultrapassam a personagem protagonista. “Praia dos Ossos” faz refletir sobre as transformações – ou não – da sociedade brasileira nos últimos 40 anos (BRAGA, 2020).

Cada episódio do podcast possui um tema e abordagem específicos. Logo no primeiro episódio, há uma introdução inusitada e que já evidencia a abordagem diferenciada da equipe: ouvimos barulho de passos, vento, ondas. Logo depois surge a voz da apresentadora Branca Viana que, junto com outra pessoa da equipe em Búzios informa que elas estão na praia que ocorreu o crime e que dá título ao podcast, tentando achar a casa onde ocorrera o crime, há mais de 40 anos. Finalmente elas encontram a casa. Só então Branca informa ao ouvinte do crime que se passara ali, nos conta quem foi Ângela Diniz e como era a Búzios nos anos 1970. Prosseguindo, alerta: aquele crime, que

poderia ter sido mais um entre tantos contra a mulher, era diferente. Aquele assassinato mudara a história do Brasil em vários aspectos. Sobe a sonora com a trilha original do podcast e, só então, começa de fato a narrativa.

“Praia dos ossos” não apresenta uma narrativa cronológica. Começa com o assassinato de Ângela por Doca Street naquela casa de praia em Búzios, passa pelo julgamento em que há uma grande reviravolta, com a vítima passando a vilã, e aos poucos vai reconstituindo toda a trajetória da “pantera de Minas” (como a imprensa a chamava), desde a infância aos primeiros bailes em Belo Horizonte, até a mudança para o Rio, os vários namoros, o encontro com Doca, o assassinato e, finalmente, o segundo julgamento, já com a opinião pública a favor da prisão de Doca. Os capítulos são: “O crime da Praia dos Ossos”, “O julgamento”, “Ângela”, “Três crimes”, “A pantera”, “Doca”, “Quem ama não mata” e “Rua Ângela Diniz”.

A liberdade de experimentar é visível logo no primeiro capítulo, como na já citada passagem em que a narradora descreve sua dificuldade em localizar a casa certa onde ocorrera o assassinato de Ângela Diniz, em dezembro de 1977, numa Búzios ainda não descoberta pelo grande turismo. O trabalho de som – que não poupa o barulho da caminhada, ondas do mar, vento etc - é primoroso e a narração de Branca Viana, a qual mistura-se de forma leve reportagem com a própria investigação jornalística e seus percalços busca a cumplicidade do ouvinte. Isso ocorre em dois momentos importantes. Quando a jornalista, após lamentar não ter encontrado nenhum registro de voz de Ângela para o podcast, descobre um registro sonoro de um comercial antigo em que ela participara e compartilha no programa. E também mais para o final, em meio às negociações para entrevistar o homem sobre o qual a produção e fontes entrevistadas julgavam impossível: Doca Street, assassino confesso de Ângela e há tempos avesso a jornalistas. Não só a entrevista é realizada mas todo o planejamento até chegar à entrevista e o aceite de Doca são mostrados.

Ao final, a produção ainda reserva uma surpresa para os ouvintes: um episódio bônus sobre a Búzios da década dos anos 1960 e 1970, quando era ainda uma aldeia de pescadores. Porém, esse episódio a princípio ficou restrito aos assinantes da revista Piauí, mantenedora da Rádio Novelo, uma estratégia de mercado para quem assistiu ao podcast experimentar outros produtos do grupo. Meses depois, o episódio foi liberado para todos os públicos.

“À mão armada” e a cultura da violência no Brasil

O primeiro podcast produzido pelo Globoplay “À mão armada” definido pela empresa como “audiocumentário”⁶, reflete as transformações comunicacionais do Grupo Globo, que vem investindo há tempos no processo de convergência midiática, buscando se adaptar aos avanços tecnológicos para permanecer em alta no mercado e manter a audiência e rentabilidade em constante rotação.

Todos os avanços resultaram em mudanças não só na oferta de conteúdo, mas também na interação com o público. A Internet foi uma grande facilitadora e propulsora de tais mudanças relacionadas ao interesse do grupo na convergência das mídias. Nota-se um esforço do Grupo Globo em lançar suas produções em outros meios de comunicação dentro deste conceito da nova televisão (MOREIRA, 2012, p. 200). A estratégia foi investir em narrativas transmidiáticas, selecionando programas que se multiplicam por vários formatos de mídia. Uma forma de se adaptar, reinventar-se e de se manter competitiva, buscando o público agora não mais fiel a apenas uma emissora.

Anteriormente ao podcast aqui analisado, a Globo já havia produzido vários produtos no formato. O Grupo Globo já experimentara com os podcasts em 2018, mas foi no ano seguinte que investiu nos conteúdos em áudio, totalizando 64 podcasts, com temáticas diversas. Uma pesquisa recente (PAIVA, 2020) que buscou analisar os podcasts jornalísticos do G1 encontrou 17 com temáticas diversas. Foi observada uma predominância de formatos relacionados à editoria “Notícias e Política”, sintonizada com as demandas de consumo apontadas por pesquisas recentes nesta área. Notou-se, porém, em relação à estratégia de diversificação, diante de outras categorias de análise propostas, que o *podcast* possui um papel fundamental dentro de um contexto de convergência multiplataforma, sobretudo quando se percebe que metade dos do G1 se caracterizam por conteúdos relacionados diretamente a programas televisivos do Grupo Globo. Alguns exemplos de podcasts distribuídos pelo G1 são “Bem-Estar”, “Desenrola, Rio”, “Educação Financeira”, “Em Movimento”, “Funciona Assim – G1”, “G1 Ouviu”, “Globonews Internacional”, “Hub Globonews”, “Isso é fantástico”, “Livro Falado”, “Novo Corona vírus - perguntas e respostas”, “O Assunto”, “O tema é – Como Será?”, “Papo de Política”, “Resumão”, “Semana Pop” e “#Engajadx- Como será?”. Nota-se que

⁶ “Sonia Bridi discute a política armamentista brasileira em “À mão armada”. Entrevista para o jornal Diário do Grande ABC

alguns deles são derivados de programas televisivos da emissora, como “Bem estar” e “Isso é Fantástico”.

Isso também ocorre com “À mão armada”. Antes mesmo da produção ter início, a repórter e apresentadora Sonia Bridi já havia feito em 2020, para o programa “Fantástico”, da TV Globo, uma reportagem com a mesma temática, sobre o aumento em circulação de armas de fogo na população brasileira e os ataques ao Estatuto do Desarmamento. “À Mão Armada” segue em tom semelhante e trata dos efeitos diretos e indiretos da política armamentista brasileira nos últimos anos, dando ênfase ao governo Bolsonaro.

"Acredito que o importante de reportagens e documentários é a apuração bem-feita, o compromisso com os fatos, uma narrativa clara e envolvente. O podcast permite isso, e abre a porta de acesso à informação de qualidade para um público que se identifica com esse formato. Em maio do ano passado fiz, com a mesma equipe, uma reportagem especial para o Fantástico sobre esse assunto. Decidimos ampliar a reportagem, contando detalhes dos casos, mostrando as relações de causa e efeito, contando histórias de famílias impactadas diretamente pela política armamentista do governo federal (BRIDI, 2000).

O primeiro dos cinco episódios, “Pátria armada, Brasil”, foi lançado no começo e maio de 2021, nas plataformas Globoplay, G1 e Deezer, e trazia os reflexos de mais de 30 atos normativos editados pelo Governo Federal, além de dados como o que lembrava de que, somente em 2020, mais de 140 mil armas de fogo foram registradas no país. Os capítulos seguintes, tais como “Praia dos Ossos”, foram disponibilizados a cada semana, neste caso sempre aos domingos. São eles: “O massacre de Suzano”, “Caso Isabelle: brincando com fogo”, “Na linha de tiro” e “Democracia na mira?”. O presidente Bolsonaro e sua política de flexibilização das armas é um personagem recorrente no podcast, que começa pela criação do Estatuto do Desarmamento, em 2003, lembra as origens do bolsonarismo, parte para tragédias públicas de grande repercussão (o massacre de Suzano), utiliza o *storytelling* para contar uma tragédia privada causada pela imprudência e um acúmulo de armas na cena da morte da vítima (“Caso Isabelle”); discute o papel das polícias e o crescimento das milícias e, por fim, busca relações entre as realidades brasileira, a invasão do Capitólio nos EUA em janeiro de 2021 e os paralelos entre a política armamentista entre o Brasil e a Venezuela.

Assim como “Praia dos Ossos” não deixa de descrever a ambientação dos cenários e locações nos momentos investigativos mais tensos, “À mão armada” também investe

neste recurso. Isto fica evidente logo no primeiro episódio, em que Sonia Bridi vai até o bairro de Acari, no Rio de Janeiro para investigar as circunstâncias do roubo de uma arma de fogo e a moto pertencentes a um parlamentar ainda não muito conhecido em 1995: Jair Bolsonaro. Neste episódio, Bridi faz questão de ressaltar a tensão que ela sente ao andar pela região e estar próxima a vários homens armados passeando tranquilos numa praça já pela manhã⁷.

Concluindo, são dois podcasts com ambições que vão além de contar um feminicídio ocorrido na década de 1970, no primeiro caso, e casos correlacionados que demonstram a evolução da cultura armamentista no Brasil, no programa do Globoplay. Ambos aproveitam a narrativa seriada do audiodocumentário para, sem dispensar a experimentação de linguagem, fazer o ouvinte refletir sobre a sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a descrever e analisar dois podcasts jornalísticos recentes, produzidos em formato serializado e que contaram com uma equipe interdisciplinar que fez a diferença, em especial na parte de pesquisa. Com isso, ambos conseguiram ir bem além de suas pautas, buscando levar ao ouvinte uma imersão nas narrativas e à reflexão sobre a sociedade brasileira. A questão que se impõe é: até que ponto podcasts como estes podem ajudar a renovar o jornalismo investigativo brasileiro?

Ambas as histórias utilizaram em vários momentos o recurso da narração em primeira pessoa, com as jornalistas como personagens em eventuais situações. Isso reforça uma característica do rádio que os podcasts narrativos aproveitam, que é buscar criar uma sensação de intimidade com quem ouve. E na pandemia – época em que foram lançados - isso deve ser considerado. Conforme acrescenta a repórter e narradora Sonia Bridi, “Não me surpreende que esse formato tenha deslanchado durante o isolamento, em que as pessoas precisam se sentir acompanhadas”⁸.

⁷ O bairro é marcado pela conhecida “Feira de Acari”, no qual pessoas vendem produtos em sua maioria roubados ou falsos.

⁸ Sonia Bridi discute a política armamentista brasileira em “À mão armada”. Entrevista para o jornal Diário do Grande ABC

Interessante é contatar, pelo depoimento de Sonia Bridi, há mais de 30 anos no telejornalismo global, sobre a dificuldade em trabalhar e experimentar a linguagem do podcast: “São quase 40 anos me treinando para não descrever cenas, para não ser redundante. Para o podcast, tive de virar uma chave. Acho incrível explorar novas formas de apresentar informações e ter a oportunidade de fazer uma reportagem como essa em um formato desafiador e, sem dúvida, inovador”⁹, descreve a jornalista.

Ao responder ao questionamento no início destas considerações podemos dizer que sim, os podcasts narrativos, quando bem produzidos, podem ajudar na renovação do jornalismo investigativo, por nos trazerem uma soma de linguagens analógicas e digitais. Estas, ao convergirem, misturam o melhor dos audiodocumentários e sua linguagem radiofônica no espaço hipermidiático da internet, o que pode resultar em experiências inovadoras e que merecem ser levadas em continuidade. Porém, não se pode esquecer que tratam-se de duas produções “de grande porte” num meio virtual que ainda se ressentem de poucas experiências similares – mesmo o aqui citado “Serial”, influência em ambos os podcasts aqui analisados, teve por trás da produção o site “This american life”, pertencente ao grupo que comanda o New York Times. Diante disto, ainda temos que aguardar se o jornalismo investigativo na web seguirá este caminho, configurando uma tendência, ou se estes dois casos aqui analisados configuram uma exceção.

Referências:

ACAYABA, Cintia & REIS, Thiago. **Brasil dobra o número de armas nas mãos de civis em apenas 3 anos, aponta anuário**. Jornal O Globo, 15 de julho de 2021.

BARBOSA, Isabela Cabral. **Jornalismo narrativo em podcast**: uma análise da linguagem, da mídia e do cenário. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da PUC Rio, 2015.

BRAGA, Carol. **Porque que eu gostei tanto do podcast “Praia dos ossos” e acho que todo mundo deveria ouvir**. Artigo para o site Culturadoria, publicado em novembro de 2020. Disponível em <https://culturadoria.com.br/prai-dos-ossos/>

GIMENES, Miriam. **Sonia Bridi discute a política armamentista brasileira em “À mão armada”**. Jornal Diário do Grande ABC, Suplemento Cultura & lazer. Disponível em

<https://www.dgabc.com.br/Noticia/3709884/sonia-brid-discute-a-politica-armamentista-brasileira-em-a-mao-armada>

HERSCHMANN, Marcelo, KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Geração *podcasting* e novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento.** Revista FAMECOS: Mídia, cultura e tecnologia. PUC, Rio Grande do Sul, dezembro de 2008. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495550193015.pdf>

MENEZES, Pedro Henrique & COUTO, Alexis Aragão, **15 anos de podcast: passado, presente e futuro da mídia.** Artigo para o 24º Intercom Sudeste, em Vitória, junho de 2019.

MUSTAFÁ, Izani Pibernat. **O rádio mudou. É expandido. Transbordou para o celular e para as redes sociais.** Artigo para a revista Comunicação, Mídia e Consumo. ESPM, v. 14, nº 41, 2017.

NAVARRO, Victoria. **O desafio dos podcasts independentes.** Matéria para o Jornal Meio & Mensagem, 21 de fevereiro de 2018.

ORENSTEIN, José. **O crescimento dos públicos no Brasil, em público e diversidade.** Artigo para o Jornal Nexo, 28 de dezembro de 2018. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/12/28/O-crescimento-dos-podcasts-no-Brasil-em-p%C3%ABblico-e-diversidade>

PAIVA, Melissa de Oliveira. **Convergência da radiodifusão para a internet: uma análise dos podcasts do G1.** Monografia de conclusão do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Volta Redonda – UNIFOA. Novembro de 2020.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo online, informação e memória: Apontamentos para debate,** in: http://www.facom.ufba.br/jol/doc/covilha_palacios.doc. Acesso em 15.07.2019.

POTASCHEFF, Alexandre. **Podcasts: muito além do rádio convencional.** In: **Novos jornalistas: para entender o jornalismo hoje.** E-book produzido pela Pontocom Comunicação e Marketing. Organização Gilmar Renato da Silva, 2010.

PRATA, Nair. **Panorama da web radio no Brasil:.** 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0095-1.pdf>. Acesso em: 11 de abril. 2019

VAISBIH, Renato. **Ganhos e perdas de uma renovada linguagem radiofônica jornalística, via podcasts.** Cadernos de Comunicação. São Paulo, v. 5, p. 13-25, 2006.